

Educação e mercado de trabalho

Esther Grossi *

A política educacional de um país na entrada do terceiro milênio enfrenta vários desafios. Contudo, um deles é fundamental para o sucesso de qualquer iniciativa nesta área: colocar o professor, pago dignamente e com capacitação permanente, e o aluno, no centro destas formulações e ações.

Em educação, muito precisa mudar. Vivemos um momento de reformulação completa dos princípios que balizavam as práticas de ensino. Elas passam por uma reestruturação radical. Compreende-se, agora, que ensinar de verdade é algo muito diferente do que até hoje se pensou e se praticou; isto exige uma reviravolta completa na capacitação do professorado e na elaboração dos currículos.

Mas, para além deste aspecto que é alicerçante de uma política adequada para a educação, aponto para a outra faceta das abordagens educacionais, que é o seu vetor de preparação profissional à luz dos gritantes índices internacionais de desemprego e dos novos rumos que orientarão o mercado de trabalho.

A solução para este alarmante quadro de desemprego, de um ponto de vista estrutural, supera de muito a redução da

jornada de trabalho, a limitação das horas extras e as críticas ao contrato temporário. Estas medidas devem ser emergenciais e conjunturais. Mas as verdadeiras alternativas residem num novo direcionamento da ação

profissional para os próximos anos. Inexoravelmente os bens materiais, tais como alimentos, roupas, casas, veículos, etc., serão produzidos com menos força de trabalho, contando, como contamos, com os avanços tecnológicos estupendos. Impossível ir na contramão deste processo.

Acontecerá, como consequência lógica desta transformação estrutural nas forças produtivas, o aumento do tempo livre e um espaço maior para o lazer, isto é, com mais tempo livre o lazer será o foco das atividades econômicas no próximo milênio.

Nesta perspectiva, o turismo, com um recrudescimento da aprendizagem de idiomas, os



prazeres da mesa, do bem vestir, do bem morar, do aprimoramento do atendimento das crianças, as atividades culturais em música, em teatro, em artes plásticas, em dança, em cinema e nos esportes, terão uma

proeminência nítida nas ocupações das pessoas.

Contrariamente ao que pessimistamente possa ser prognosticado, poderemos viver no próximo milênio uma experiência positiva de fruição de prazeres até hoje inatingível, na voragem do corre-corre para

ganhar o pão, o que implica a quase loucura de muito mais de 8 horas de cada dia consumidos para se transportar e para trabalhar,

nas atuais condições adversas de uma produção não informatizada e ainda mecanizada.

O mercado de trabalho dos próximos tempos terá claramente novas características. Se o turismo atual proporciona para cada emprego direto cinco indiretos, maior é esta proporção

para grandes festas de carnaval, para mega-espetáculos musicais, para as grandes demonstrações esportivas, que já mobilizam milhões de participantes.

A boa educação do futuro tem que mover-se em cima de dois vetores - o da formação do consumidor da cultura e o do produtor da cultura, se não quiser mergulhar no mais medíocre lixo cultural ou na busca de prazeres imediatos pela escapada desastrosa nas drogas excitantes, alucinógenos ou entorpecentes.

A escola precisa dar uma flagrante e vigorosa quinada para pôr-se à altura de outros tempos, com novas exigências e com novas características. A cara da atividade profissional que está à nossa frente tem pouquíssimo a ver com a do presente e a de um passado recente.

Se a escola não quiser cair na mais completa obsolescência, tem que se recriar. Esta construção implica a denúncia de equívocos e insuficiências graves na política de FHC, os quais serão contactados com alternativas concretas para muito além da simples discordância, numa forma bem feminina de fazer política e em que a ternura não impede a firmeza e a coragem.

* Doutora em Psicologia da Inteligência e Deputada Federal (PT/RS)